



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – IFCS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PPGF

A RESISTÊNCIA E A INSUBORDINAÇÃO DOS CORPOS NEGROS: A QUEM INTERESSA ESSA HISTÓRIA?

Ana Lúcia da Silva Raia¹

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem reflexiva do colonialismo no Brasil sobre os corpos negros, em um processo de extermínio e dominação. Abordamos o conceito de Necrofilia Colonialista Outrocida (DE MORAES, 2020), como legitimação dessa política eurocentrada, subalternizando corpos negros para terem acesso a políticas públicas, mas visibilizando-os para serem exterminados. Destacamos a importância do Feminismo negro na luta contra a colonialidade e contra formas outras de dominação e exploração dos corpos negros e destacamos também a necessidade de se enegrecer o feminismo e trazer a discussão do gênero para o Movimento Negro, ecoando a voz da mulher negra, que luta contra a opressão de gênero, raça e classe, embasados por Gonzalez (2018), Evaristo (2017), Jesus (1960), Carneiro (2003), Davis (2013) e Collins (2016).

Palavras-chave: Colonialismo no Brasil; Necrofilia Colonialista Outrocida; Feminismo Negro; Corpo negro; Movimento negro.

ABSTRACT

This article takes a reflexive approach to colonialism in Brazil black bodies, in a process of extermination and domination. It addresses the concept of Colonialist Othercidal Necrophilia (DE MORAES, 2020), as a legitimation of an Eurocentric policy, subordinating black bodies from accessing public policies, but making them visible to be exterminated. It highlights the importance of Black Feminism in the struggle against coloniality and other forms of domination and exploitation of black bodies, and it also highlights the need to blacken feminism and bring gender discussion to the Black Movement, echoing the voice of black women, who fight against oppression of gender, race and class. Our research is based on the writings of Gonzalez (2018), Evaristo (2017), Jesus (1960), Carneiro (2003), Davis (2013) and Collins (2016).

Keywords: Colonialism in Brazil; Colonialist Othercidal Necrophilia; Black Feminism; Black body; Black movement.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mulher negra, Professora da Educação Básica da Rede Municipal do Rio de Janeiro, membro do Grupo de Estudos Descolonial Carolina Maria de Jesus da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

INTRODUÇÃO

Certidão de óbito

Os ossos dos nossos antepassados
Colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos dos nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros.
(EVARISTO, 2017, p.17)

Conceição Evaristo retrata a política de morte apresentada por Moraes (2020), ao afirmar que "os ossos dos nossos antepassados, colhem as nossas perenes lágrimas pelas mortes de hoje". A política de extermínio de corpos negros dialoga com a Necrofilia Colonialista Outrocida, na qual a política do patriarcado produz um processo de colonização. Essa colonialidade legitima que esse corpo negro pode, a qualquer movimento, ser destruído, muitas vezes, com o discurso de que foi por uma bala perdida, num Auto de resistência², que nós, corpos negros, sabemos que têm alvo e endereço nos espaços dos morros e favelas. "A morte é certa", pois quem vive nesses espaços sente a dor da perda cotidianamente. E é por essa certeza da convivência com a morte que também se encontra resistência. A esperança, para esses corpos negros, é alimentada pela resistência de uma vida com direitos e garantias individuais e coletivos.

Nesses espaços, os direitos são substituídos pelo crivo da violência, em que a população, em sua maioria, de corpos negros, é silenciada. O poder público, com suas políticas públicas, não atua, abrindo espaço para que os serviços sejam oferecidos por

² A construção para a legitimação (anti) jurídica dessa política racista de extermínio surge há 50 anos, em 02.10.1969, com a Ordem de Serviço N, nº 803, da Superintendência da Polícia Judiciária do antigo Estado da Guanabara – depois ampliada pela Portaria E, nº 30, de 06.12.74, do Secretário de Segurança Pública – que “dispensa a lavratura do auto de prisão em flagrante ou a instauração de inquérito policial”. e determina a aplicação do art.292, do Código de Processo Penal, que prevê a lavratura do “auto de resistência” na hipótese específica de resistência à ordem legal de prisão. Disponível em: <https://www.justificando.com/Acesso em 20/08/2021>.

grupos paramilitares³ e pelo tráfico. Resistir, nesses espaços, é o alimento para não aceitar ser invisível e lutar por uma melhor qualidade de vida.

Ao relacionar os ossos dos nossos antepassados com os mortos de hoje, Evaristo poeticamente, nos faz entender que a colonialidade e seus reflexos estão presentes nesses espaços num gritante extermínio, como nos tempos da escravidão. O poder de matar ainda é vigente nos tempos atuais, pois a política de morte é referendada contra a vida negra, num flagrante genocídio, e legitimada pelo discurso do mito da democracia racial no Brasil.

Nós vivemos no século XXI e os reflexos da colonialidade ainda estão muito presentes em nosso cotidiano, principalmente quando fazemos o recorte de gênero, raça e classe. Falo de um lugar de mulher, negra, professora da Educação básica e ex-moradora da favela de Cidade de Deus, que viu na Educação a principal maneira para sobreviver num país que não valoriza culturas outras.

Com a política instaurada no Brasil, após as eleições de 2018, houve um retrocesso no que tange às políticas públicas, num reforço de um discurso que valoriza a economia e a política, invisibilizando e inferiorizando os corpos negros⁴, sobretudo mulheres negras.

Nos últimos meses, mesmo no período da pandemia, houve um significativo extermínio de corpos negros, apesar da decisão⁵ do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), proibindo a realização de operações policiais em comunidades do Rio de Janeiro durante a pandemia do novo coronavírus. A proibição imposta por decisão liminar do ministro começou a valer no dia 5 de junho de 2020. Como se não bastasse a falta de políticas públicas de combate à fome e ao desemprego, crianças negras e adolescentes foram alvos de balas perdidas no interior dos morros e favelas.

³ Forças paramilitares são grupos ou associações civis, armadas e com estrutura semelhante à militar, mas que não faz parte das forças armadas, com fins político-partidários, religiosos ou ideológicos, formados por membros armados, que usam táticas e técnicas civil ou militares para a consecução de seus objetivos. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://g.co/kgs/AQXudR>. Acesso em 20/08/2021.

⁴ O relatório do ISP-RJ (Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro) indica que 76,6% dos mortos por intervenção do Estado no ano de 2019 foram negros (pretos e pardos). Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/SegurancaEmNumeros2019.pdf, acessado em 18/08/2021.

⁵ Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=449833&ori=1>, acessado em 21/08/2021.

Jenifer, João Pedro, Kathlen Romeu e tantos outros corpos negros viraram estatísticas para os noticiários, mas são pessoas que perderam a vida, o que destruiu famílias e sonhos. Corpos negros exterminados sem respeito ao Princípio da Dignidade da Pessoa Humana.

Colonialismo e a não existência do outro

Caracterizado por um período que iniciado no século XV e consolidado no século XIX, o colonialismo intitula-se como um modelo político, econômico e administrativo de algumas nações sobre as outras, explorando-as, com a concentração de bens e recursos por uma minoria, acumulando riquezas, estabelecendo a hegemonia capitalista no mundo. As estruturas do sistema/mundo, a partir de um olhar eurocentrado, geraram o racismo e uma hierarquia étnico/racial e de gênero. Fanon nos diz que:

O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos [...] Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram o mundo colonizado. [...] Por vezes este maniqueísmo vai até o fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. (FANON, 1968, p. 27-31)

O projeto de dominação que se intitulou com o capitalismo tem como meta uma não existência do outro em seus saberes, cultura e identidade. Fanon (2008) compreende que a primeira forma de não existir é o ataque ao corpo, e a outra forma é a catequização que institui a ideia de que somos inferiores pela raça, condicionando nossa existência a uma relação de subordinação. "Mãe, olhe o preto, estou com medo! Medo!" (Fanon, 2008, p. 105).

O conceito de Necrofilia Colonialista Outrocida (DE MORAES, 2020) retrata essa atual conjuntura do país que vive uma guerra interna entre o poder público e as milícias, definindo que o corpo negro, oriundo dos espaços das favelas e morros, deve morrer, pois aqueles que deveriam ser os garantidores da segurança pública são os mesmos que têm o desejo pela morte desse corpo negro, não conseguindo enxergar seres humanos, mas sim, potenciais criminosos e corpos a serem abatidos. Corpos negros podem ter o título de doutores, dirigir veículos luxuosos ou conquistar uma ascensão econômica e acadêmica, mas continuarão sendo potenciais corpos a serem exterminados, sem o direito ao contraditório e a ampla defesa. Quantos corpos negros

estão no interior dos presídios por serem reconhecidos por terceiros, apenas pela cor da pele, pela semelhança com o autor do fato, por serem moradores de morros e favelas? Se o corpo é negro ele é um potencial alvo de ser exterminado, independentemente de sua ascensão social, econômica ou política.

A política de cotas, um processo de reparação pela escravidão sofrida dos nossos corpos negros, é uma conquista da luta do povo negro e alvo de manobras e artilharia para que não tenhamos acesso ao direito conquistado. Corpos brancos auto intitulado-se negros para usufruírem do direito do ingresso pelas cotas e impetrando liminar para se manterem nesses espaços após serem denunciados, concursos públicos sendo abertos com apenas uma vaga para que não haja possibilidade de ter a reserva de vaga garantida por lei são algumas das faces dessa política de retirada de direitos.

O corpo negro precisa embranquecer para adequar-se a essa sociedade e, nós, mulheres negras, sofremos uma maior pressão para nos moldarmos a esse padrão de "boa aparência" que, atualmente, é camuflado pelo discurso eurocêntrico de que, apesar de estar apto ao cargo/função, há um outro melhor qualificado para a vaga.

Neste sentido, o colonialismo se institui como marco legal. Durante séculos apresentou-se como um parâmetro nas esferas social, política e institucional. A colonialidade atua como um efeito do colonialismo, subalternizando saberes, indivíduos e poderes num permanente processo de reinvenção de acordo com a organização da sociedade, mantendo uma relação de dominação e só sendo permitido existir a quem se adequar a esses parâmetros de poder.

O enegrecimento do Feminismo negro no Brasil

No Brasil, as ideias feministas surgiram no início do século XX, seguindo como modelo estrutural de luta o parâmetro norte-americano branco, com o objetivo de inserir a mulher na sociedade de classes. O debate de gênero se expandiu e, por ser um movimento composto, em sua maioria, por mulheres brancas e da academia, não contemplou as demandas das mulheres negras, indígenas, populares e LGBTQI+.

Para Lélia Gonzalez (1988a), a implementação da discussão do feminismo no Brasil foi fundamental para as mulheres e abriu um espaço para discussões mais aprofundadas sobre o tema. Apesar de inúmeros avanços quanto às questões de gênero,

o feminismo não contemplou a discriminação racial e as mulheres negras. A omissão dessa discussão sobre o racismo tem por base uma visão eurocentrada:

(...) alguns cientistas sociais caracterizam como racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neo-colonialista da realidade (GONZALEZ, 1988a, p. 13).

Para Gonzalez, é aceitável se discutir a luta contra a exploração feminina, da operária, mas não encontramos essa aceitação quando se pauta a discussão sobre o tema do racismo e sobre como isso atinge a mulher negra, pois há uma omissão devido à exploração da mulher negra pela mulher branca.

O Movimento Negro Unificado, criado em 1978, em São Paulo, também não foi essencialmente eficaz, pois, segundo Gonzalez (2018), as mulheres negras tinham suas falas controladas por posturas machistas. Mesmo tendo o direito à voz, não podiam exercer sua fala a qualquer tempo, haja vista que os discursos de homens eram priorizados. Segundo Carneiro (2003), surgiu a necessidade de as mulheres negras enegrecerem o feminismo e de sexualizar o Movimento Negro em razão da inferiorização do gênero. Era preciso discutir uma pauta que atravessasse a mulher negra, haja vista que a mulher branca lutava contra a opressão de gênero e classe, ao passo que a mulher negra lutava contra a opressão de gênero, raça e classe. Para a autora:

Enegrecer o feminismo é a expressão utilizada para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar diferentes expressões do feminismo construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. (CARNEIRO, 2003, p.118)

A autora pontua que o enegrecimento do feminismo é para ecoar a voz de mulheres negras secundarizadas em suas pautas reivindicatórias que foram invisibilizadas e triplamente oprimidas, o que motivou o surgimento da necessidade de se reconhecer que há uma desigualdade entre essas mulheres, oriunda do racismo e da subalternização (CARNEIRO, 2001). Após o III Encontro Feminista Latino-Americano em Bertioga, São Paulo, se estabelece uma visão política do feminismo, dando maior visibilidade ao movimento negro.

Carneiro (2003) destaca o mercado de trabalho que não contemplou as mulheres negras as quais, em sua maioria, eram empregadas domésticas, sem grandes

perspectivas salariais. Outra questão é a violência sofrida por essa mulher negra, sendo denominado pela autora como violência racial. Para Carneiro:

[...] forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva que limita as possibilidades do encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a auto estima. (CARNEIRO, 2003, p. 122)

Carneiro destaca, também, a saúde da mulher negra que é secundarizada mediante o estereótipo de que a mulher negra é forte, sendo descartados os direitos de reprodução dessa mulher e a desvalorização desse corpo negro pelas mídias, sexualizando-a.

Somos invisíveis para ascender no mercado de trabalho, na academia e nos espaços de poder, mas nossos corpos são vistos e desejados como objeto sexual. Corpos brancos figuram como sendo os corpos ideais para casar e corpos negros, nos períodos do carnaval ou outros eventos culturais, são aplaudidos e desejados. A cultura do embranquecimento cultua a ideia de que homens negros bem sucedidos casam-se com mulheres brancas, validando sua imagem. A palmitagem⁶ é prática rotineira para homens negros cis hétero em seu passaporte para uma suposta aceitação social.

Sentimos muito forte o peso da solidão. Há um receio de demonstrarmos amor e sermos rejeitadas. Nossos ancestrais sofreram tantas perdas, tantas dores quando os filhos e amores eram vendidos ou mortos e a separação se dava com tanta violência que essa lembrança deve estar gravada em nosso DNA. Por isso, a solidão é sentimento tão presente em nosso cotidiano. Essa solidão passa por sermos mães solas, pelo cuidado com a preservação da vida dos nossos filhos, pela preocupação em não faltar o alimento, por corpos brancos serem mais facilmente escolhidos para figurarem no papel de esposas e nossos corpos negros terem uma maior probabilidade de serem escolhidos como as amantes. Na canção AmarElo⁷, Emicida nos fala:

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui

⁶ Expressão usada para homens negros cis hétero que se relacionam com mulheres brancas. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/precisamos-falar-sobre-exclusao-amorosa-de-garotas-negras-e-palmitagem/acessado-em-21/08/2021>.

⁷ Compositores: Antonio Carlos Belchior / Leandro Roque De Oliveira / Felipe Adorno Vassao / Eduardo Dos Santos Balbino Letra de AmarElo © Laboratorio Fantasma Producoes Ltda Me

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
Alvos passeando por aí
[...]
Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro.

Fonte: Musixmatch

Revisitamos o passado e constatamos que nossos ancestrais não tiveram outra escolha a não ser serem fortes por eles e pelos seus. A superação de nossas dores, que passa pela resistência, é um processo de cura, um sinal de que optamos por nos proteger, apesar dessa solidão. É uma proteção que passa pelo cuidado com o nosso corpo, com nossa identidade e com nossos saberes.

Nós, mulheres negras, sabemos a dimensão da linha tênue entre o prazer e a dor. O prazer intrinsecamente ligado à nossa cultura, religião, ancestralidade e força. Nos tornamos fortes para protegermos nossas crias, nossos pares, e sentimos a dor por não termos nossos corpos respeitados. Quantos dos nossos perdem suas vidas por terem a cor da pele preta? Quantas mães vivem a angústia diária ao saberem que seus filhos estão na rua e podem não voltar para suas casas? Quantas dores sentimos pelos nossos por sabermos que a probabilidade de, somente pela cor da pele, serem confundidos e exterminados?

Conceição Evaristo, mulher negra, escritora que sentiu as dores de uma infância pobre, expressa, em seus escritos, através de seus personagens, que em sua maioria, são mulheres que poderiam ser qualquer uma das mulheres negras do cotidiano, suas dores e seus gozos.

No livro "Olhos d'água (2015), o primeiro conto retrata a história de uma mulher que não lembrava a cor dos olhos da sua mãe, que vivia com os olhos rasos d'água pelas dores e medos que enfrentava. História que poderia ser contada por milhares de mulheres negras oriundas de morros e favelas que choram pela vida de seus filhos, pela falta de emprego, pela fome. A autora escreve:

Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio no estômago, ignorando nossas

bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. (EVARISTO, 2015, p.16)

Sentimentos de dor ao lembrar-se da fome que passaram na infância fazem com que a personagem conclua que sua mãe vivia chorando pela vida de invisibilidade que levavam, não se lembrava da cor dos olhos de sua mãe, pois ela tinha os olhos rasos d'água.

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, favelada, escritora, autora do livro Quarto de Despejo (1960) e de várias outras obras, retrata em seus escritos um cotidiano de fome, medo e dor. Uma mulher que lutou para realizar o sonho de escrever e publicar e que viveu um cotidiano de fome e de invisibilidade.

Duas histórias: uma retrata um conto e a outra um diário de uma favelada. Ambas revisitam a dor da fome, do medo e da invisibilidade. Ambas procuram suavizar a dor da fome com o encantamento pelas brincadeiras e histórias para acalantar seus filhos e fazê-los esquecer da fome e do medo.

Carolina escrevia para esquecer a fome, pois seu prazer era escrever. Escrevia quando estava triste, quando estava alegre, escrevia para sentir-se viva num lugar de invisibilidade.

Os contos escritos por Evaristo humanizam homens e mulheres, em sua maioria, negros, que são socialmente invisíveis. Os personagens, nesses contos, apesar da violência presente na narrativa, expressam sentimentos e emoções.

Evaristo afirma que a favela tem um papel fundamental em seus textos, pois favela e senzala fazem parte de um mesmo reconhecimento, se atraem em sua dororidade⁸ de potencial corpos negros, marginalizados e excluídos. Para Piedade:

A dororidade nos faz olhar para três questões juntas. Obriga a olhar para a dor que o racismo provoca e essa dor é preta. Não é que a dor das pretas seja

⁸ O Conceito "Dororidade", de autoria de Vilma Piedade, foi pela primeira vez apresentado no evento Feminismo, Racismo, Branquitude: opressão e privilégios", em 20 de maio de 2017, no Rio de Janeiro, dentro da série "Diálogos Feministas" da Escola Partida, e foi desenvolvido no artigo "Dororidade ... o que é? Ou o que pretende ser?", publicado em 19 de maio de 2017 no site da Partida. Em 20 de novembro de 2017, o Livro Dororidade foi lançado pela Editora NÓS, Livraria Blooks, Botafogo, RJ.

maior. Não é que uma opressão é maior do que a outra. Dor é dor e ponto. Dói muito ser mulher atacada pelo machismo e dói muito ser mulher atacada pela opressão. (PIEDADE, 2017, p. 18)

A autora nos faz compreender a tripla opressão que nós, mulheres negras, enfrentamos em nosso cotidiano. No conto Olhos d'água, a personagem que tinha os olhos rasos d'água era a única fonte de sustento para seus filhos, assim como Carolina que catava papel para comprar o alimento para seus filhos. Uma mãe solo que, como milhares de mulheres negras, sufocam suas dores para cuidar dos seus.

Em Olhos d'água, assim como em Quarto de Despejo, os personagens vivem à margem da sociedade, sem acesso aos direitos básicos. No asfalto, esse povo negro é invisibilizado e, na favela, são protagonistas de histórias contadas através dos olhares de quem vive ou já viveu no local.

A escrita evaristiana enxerga esse povo negro, humanizando-o, dando visibilidade para que essas vozes sejam ecoadas através dos olhares de gozo e de dor, pois, para a autora, "o que os livros escondem, as palavras libertam" (EVARISTO, 2017, p. 50).

Carolina não odiava a favela, mas sim a falta de políticas públicas. Escrevia para esquecer as dores, que tornavam aquele lugar invisível. Era chamada de insubmissa, agressiva, louca... Precisava escrever e não se importava. "Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo de ouro que reluz na luz do Sol" (JESUS, 1993, p. 52).

Gonzalez descoloniza o saber na medida em que luta para que nossa cultura e identidade sejam respeitadas. Com o discurso eurocentrado de que não há racismo no Brasil, a autora aponta para "Esse silêncio ruidoso sobre as contradições raciais, num dos mais eficazes mitos de dominação ideológica: o mito da democracia racial" (GONZALEZ, 1988a, p.16). Há uma semelhança entre a opressão que o machismo nos impõe e a opressão desse feminismo que não enxerga as reivindicações da mulher negra, indígena e LGBTQI+.

Gonzalez compartilha das ideias de hooks (2015), quando denuncia a omissão do movimento feminista no Brasil, que não discute o racismo, pois tem como parâmetro as reivindicações e pautas de mulheres brancas que se beneficiam do trabalho das mulheres negras, como mão-de-obra barata ou até mesmo escrava. Para a autora, a

questão racial está intrinsecamente ligada à questão de gênero, em seu status de forasteiro de dentro Outsider within (COLLINS, 2016).

Por décadas, mulheres afro-americanas tomaram ciência da rotina das famílias brancas. Milhares de mulheres negras cozinhavam, lavavam, passavam e cuidavam das crianças da casa, desempenhando todas as tarefas domésticas, e serviam ainda como confidentes, aconselhando essas mulheres. Na canção *Mãe*⁹, Emicida retrata essa realidade:

Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão
Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção
Uma vida de mal me quer, não vi fé
Profundo ver o peso do mundo nas costa de uma mulher
[...]
Luta diária, fio da navalha, marcas? Várias
Senzalas, cesárias, cicatrizes
Estrias, varizes, crises
Esses dias achei na minha caligrafia
A tua letra e as lágrima molha a caneta
Desafia, vai dar mó treta
Quando disser que vi Deus
Ele era uma mulher preta

Fonte: Musixmatch

Na maioria desses casos, havia um suposto romantismo, cuja opressão era disfarçada de afetividade. Viviam uma suposta proximidade com essas famílias, mas eram racializadas, inferiorizadas e invisíveis para esse grupo. Sentiam a superioridade que advinha de práticas racistas, pois "essas mesmas mulheres negras sabiam que elas jamais pertenceriam a suas famílias brancas" (COLLINS, 2016, p. 99).

Com o discurso de que essas mulheres faziam parte da família, elas se moldavam aos interesses do patriarcado, tendo seu espaço determinado naqueles ambientes: viviam e morriam num "quarto dos fundos", sem banheiro e sem janelas, com passagem para o espaço da cozinha. Com o discurso de que essas mulheres eram "mães negras" de seus filhos, havia uma intenção de, a cada dia, transformar esses laços em uma romântica escravização. Truth afirmou:

"Aquele homem ali diz que as mulheres precisam ser ajudada a entrar em carruagens, e erguidas para passar sobre valas e ter os melhores lugares em todas as partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar! E não sou mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e juntado em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem - quando consigo o que

⁹ Compositores: Brian Fallon Letra de Mãe © Emi April Music Inc., Little Eden Music.

comer - e aguentar o chicote também! E não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus me ouviu! E não sou mulher?" . (TRUTH¹⁰, s.p 1851)

No olhar dessas mulheres negras, havia a certeza de que não pertenciam àquelas famílias, pois seus filhos tinham que ser criados nas creches comunitárias das favelas ou por seus ancestrais. Apesar de todo o discurso branco familiar, elas permaneciam como outsiders within. Essas mulheres não tinham escolhas, pois ou eram mães solas sendo o único sustento de sua família, ou precisavam ajudar nas despesas domésticas, haja vista que os valores recebidos pelos seus companheiros, em sua maioria, homens negros, não eram suficientes para a sobrevivência da família.

O estereótipo da mulher negra, segundo Gonzalez (1988b), desde o período da escravidão, passa da escravização à domesticação. Silenciada, a mulher negra, segundo a pesquisadora, é visível apenas para interesses sexuais ou no carnaval, quando, pelo patriarcado, recebe uma autorização para ser a rainha. Gonzalez destaca o conceito de interseccionalidade no discurso sobre como o racismo é atravessado por gênero, raça e classe. A autora critica a monopolização dos discursos epistemológicos, estadunidenses, que silenciam o debate na América do Sul. Resistindo à colonialidade, Gonzalez propõe um debate sobre a África e a América. Neste sentido, não há hierarquia de opressões para a mulher negra, necessitando somente identificá-las e combatê-las. Akotirene (2018) conversa com o pensamento de Collins (2016) quando afirma que:

Não existe hierarquia de opressão, já aprendemos. Identidades sobressaltam aos olhos ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois enxergá-las como identidades. (AKOTIRENE, 2018, p. 14)

É fundamental que nós, mulheres negras, ousemos expor essas opressões através das nossas escritas, num ato de resistência e enfrentamento a todas essas formas de opressões. Evaristo potencializa suas ideias dialogando com Davis (2013) e hooks (2015), ao destacar a ideia dessa escrita/denúncia, num movimento feminista negro. Evaristo, em uma entrevista, destaca que:

¹⁰ Cf. em <http://sourcebooks.fordham.edu/halsall/mod/sojtruth-woman.asp>. Acesso em 20/08/2021. Tradução livre. Cf. também sua autobiografia "The Narrative of Sojourner Truth" em <http://digital.library.upenn.edu/women/truth/1850/1850.html>. Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851.

A nossa história é outra. Primeiro porque o feminismo negro, se a gente for pensar, o feminismo das mulheres negras não nasce de uma teoria. Ele nasce de uma prática. Quando as mulheres brancas, de classe média, assumem essa luta feminista, elas assumem através de uma teoria, de um questionamento que a gente nem fez e nem podia fazer. A nossa atuação se dava na rua, no trabalho, na prática. [...] a nossa primeira luta não foi contra o homem negro. Foi contra o estado patriarcal branco burguês e, no qual, a mulher branca não teve e não tem nenhuma dificuldade de exercer sua condição de mando, de poder. Ela não tem nenhuma dificuldade. Quem passa pelo fundo da cozinha dessas mulheres é quem sabe. Então eu digo que a gente tem modos de ação e modos de concepção totalmente diferentes. (EVARISTO, 2018, p. 04-05)

A autora denuncia, através de suas narrativas, as inúmeras formas de opressões vivenciadas, e as personagens apresentadas são mulheres negras que se insurgem, após experienciarem as violências. Essas mulheres negras subalternizadas, às quais a autora dá vida em seus escritos, poderiam ser qualquer uma dessas mulheres do cotidiano que fizeram parte da infância da pesquisadora e que, através de suas memórias, deram forma a essas personagens. Evaristo nos diz:

E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhum personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo ao premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2017, s.p.)

Com o apagamento dessas mulheres negras da pauta de discussões no Movimento Negro, Gonzalez desenvolve a categoria de Amefricanidade compreendendo o formato de uma América Ladina, onde todos/as estão inseridos/as, não apenas negros e indígenas. Para a autora:

[...] um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente teve trocado o t pelo d para aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina. (GONZALEZ, 1998b, p. 69)

Gonzalez faz uma denúncia quando aponta a Amefricanidade em consonância com o racismo e o colonialismo, discutindo a necessidade das mulheres negras e LGBTQI+ terem visibilidade e voz nessa discussão. Não aceita a colonialidade de gênero que está implícita nesses discursos e práticas eurocentradas. A autora afirma:

E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando as marcas de africanidade que a constituem. (GONZALEZ, 1984, p. 226)

Neste sentido, compreendemos a importância de cada vez mais um número maior de pessoas negras ocuparem os espaços acadêmicos e de poder para enegrecer a produção intelectual, num processo de luta e resistência ao colonialismo e a colonialidade, resistindo e perpetuando a nossa existência.

Grosfoguel (2006) destaca a ideia de localização geo-corpo-política, que indica que mulheres negras têm uma maior dificuldade de ascender social, política e economicamente, pois estão mais afastadas desse conhecimento e dos privilégios brancos. É preciso descolonizar o feminismo para que a raça não seja um distanciamento no que tange às conquistas e à visibilidade desses corpos negros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual conjuntura do Brasil e dos países não ocidentalizados sofre com os desmandos de um padrão colonial que destrói e deslegitima saberes outros e todas as formas e corpos que não estão formatados neste padrão.

No Brasil, corpos negros são alvos de extermínio, pois não há políticas públicas que garantam a vida da população negra. Os espaços dos morros e favelas que são compostos, em sua grande totalidade, por corpos negros são palcos de operações policiais e dos desmandos das milícias. Corpos negros exterminados fazem parte das estatísticas, cujos números são computadorizados. Mas não há soluções jurídicas para inquiridos que são protocolados como Autos de Resistência.

A chacina no Jacarezinho deixou 24 corpos negros taxados como bandidos, em mais uma operação policial, vítimas do extermínio por policiais despreparados e com práticas racistas e de aniquilamento. Mesmo os policiais negros que fazem parte das polícias civil e militar, não reconhecem corpos negros, vendo-os como inimigos, não percebendo que há um inimigo maior que precisa ser combatido, que é a falta de

políticas públicas e a falta de uma abordagem respeitosa e legítima. Mata-se primeiro, para depois investigar se o alvo era ou não culpado. Para essas pessoas, não há corpos que mereçam viver nesses espaços.

Quantos são mortos por essa política de extermínio, sendo alvos de extorsão das milícias que, com práticas violentas, enxergam os moradores do local como potenciais fontes de aumentarem suas finanças, desrespeitando suas vontades e corpos?

As mulheres, nesses espaços sofrem uma tripla opressão, pois são vítimas dos estupros. Não possuem paz, uma vez que não sabem se os corpos dos seus serão poupados, num eterno desrespeito por alguém que escute o eco de seus gritos.

A invisibilidade dessas pessoas não se limita aos espaços da favela, pois mesmo aqueles que conseguem romper com o limite desses espaços são "confundidos" com bandidos, não possuem garantia da inviolabilidade dos seus corpos negros no asfalto.

Há quantos casos de jovens negros que são abordados, mesmo estando bem trajados, tendo carteira assinada e endereço fixo? Quantos corpos negros, mesmo ultrapassando o índice de baixa renda, sofrem com práticas racistas e violentas?

Ainda há muito pelo que lutar. Precisamos ocupar os espaços para que nossos corpos não sejam vistos como exceção nesses lugares. Nossos ancestrais resistiram e, por isso, estamos aqui. A cada jovem negro que ingressa nos espaços da academia, maiores serão as chances de resistência. Estamos todos/as presentes e desobedientes!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli (2001) "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero." In ASHOKA, Empreendedores Sociais e TAKANO Cidadania (org). Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acessado em: 15/08/2021.

_____. Mulheres em movimento. Estudos Avançados. 17(49), p. 117-132, 2003.

COLLINS, Patrícia. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.º 1, Florianópolis, jan/abril, 2016.

DAVIS, Angela. *Mulher, classe e raça*. Tradução Livre. Plataforma Gueto, 2013.

DE MORAES, Wallace (2020) A necrofilia Colonialista Outrocida no Brasil. *Revista Estudos Libertários - REL (UFRJ)* Vol. 2 n.º 6/2.º Sem/2020 ISSN 2676-0619.

EMICIDA. "Mãe" [Part. Dona Jacira e Anna Tréa], Em *Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...* São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. CD.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3.ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. Ponciá Vicêncio. 3.ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. 2015.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba, 2008.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

_____. "Por um feminismo afrolatinoamericano". *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

_____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. *Revista Fim do Mundo*, nº 4, jan/abr 2021.

_____. *Primavera para as rosas negras*. São Paulo: Diáspora Negra. 2018.

GROSGUÉL, Ramón. *La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: Transmodernidad, pensamiento fronteirizo y colonilidade global*. Tabula Rasa. Bogotá – Colômbia. N.º. 4, 17-48, 2006.

HOOKS. bell. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n.º 16, p. 193-210, 2015.

JESUS. Carolina Maria. *Quarto de Despejo*. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1960.

TRUTH, Sojourner. "The Narrative of Sojourner Truth" Disponível em: <http://digital.library.upenn.edu/women/truth/1850/1850.html>. Tradução livre. Cf. também sua autobiografia.